

## DESVIADOS/AS SEXUAIS: UMA CURVA NA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO DURANTE A DITADURA MILITAR

*Eixo Temático 06 – Corpo e Gênero na Arte como potência e vida em  
Memórias e Ressignificações de Existência*

Felipe Soares Martins <sup>1</sup>  
Terezinha de Fátima Rodrigues <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho, fruto de uma revisão bibliográfica, efetua uma reflexão sobre a construção social de gênero e sexo como forma de moldar nos corpos uma identidade coerente ao sistema heterossexista e cispatriarcal e faz uma breve aproximação analítica do *Grupo Dzi Croquettes*, que subverteu as noções de gênero circunscritas nos papéis destinados a homens e mulheres na sociedade. Através do documentário “*Dzi Croquettes*” (2009), explora a trajetória e mudanças promovidas pelo grupo em plena ditadura militar no Brasil.

**Palavras-chave:** Gênero, *Dzi Croquettes*, Ditadura Militar.

### INTRODUÇÃO

Desde a infância é ensinado às crianças, a partir do processo de socialização, que envolve a família e demais instituições, um conjunto de comportamentos e práticas sociais a serem adotadas para corresponder a norma, como obediência, disciplina e respeito. Antes mesmo de nascerem, as crianças são envolvidas por uma expectativa social que projeta, a partir do sexo imposto no nascimento, uma performatividade de gênero coerente à estrutura social, que vai produzir peças sociais ou vestimentas tecidas pela moral hegemônica para cobrir os corpos segundo sua vontade; o exercício do *devir* é fortemente corrompido pela ideia de adequação dos corpos a um padrão, aqui

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, [f.martins29@unifesp.br](mailto:f.martins29@unifesp.br);

<sup>2</sup> Doutora em Serviço Social. Docente na Graduação e Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, [terezinha.unifesp@gmail.com](mailto:terezinha.unifesp@gmail.com);

compreendido a partir do sistema heterossexista que nega, violenta e estigmatiza todo comportamento, expressão ou identidade que fuja da heterossexualidade.

Esse processo está intimamente imbricado com a noção de cultura, compreendida como “um conjunto de regras generativas, historicamente selecionadas pela história humana, que governam ao mesmo tempo a atividade mental e prática dos indivíduos” (ESPINOSA, 2005, p. 241-242), de tal forma que pensar a configuração de sexo/gênero no Ocidente é pensar as estruturas de poder que modelam o corpo aceitável e coerente ao sistema cis-heteropatriarcal capitalista.

A sociedade heterossexista impõe comportamentos heterossexuais, não só nas relações sexuais e afetivas, mas dentro de todo o modelo estruturante de sociedade, definindo papéis e posições sociais de acordo com o sexo, a sexualidade e a identidade de gênero (ASSUNÇÃO, 2018, p. 63).

A produção de uma heterossexualidade compulsória vai provocar a rejeição do Outro: as sexualidades dissidentes passam a ser fator de risco à ordem moral e sexual e tornam-se propensas ao estigma. Por estigma, Goffman (2004, p. 4) conceitua como “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena”. Dessa maneira, produz-se uma marca que sentencia a população LGBTQIAP+ à violência e marginalização.

Este trabalho pretende destacar e celebrar uma produção que se contrapõe a contextos de violência no auge da ditadura militar no país, o documentário *Dzi Croquettes* (2009), grupo causador de rebuliços e desbundes no período.

## **DITADURA MILITAR NO BRASIL E A CONTRACULTURA COMO RESISTÊNCIA**

Entre 1964 e 1985 o Brasil passou pela Ditadura Militar, período marcado pela repressão, tortura, perseguição e censura. Institui-se naquele momento uma série de Atos Institucionais com a intenção de minar as liberdades individuais e legitimar as violências cometidas durante o autoritarismo no país. O mais conhecido é o Ato Institucional número 5 (AI-5), instaurado no ano de 1968, que proibiu qualquer manifestação de contestação ao regime ditatorial militar. Em defesa da moral e dos bons costumes se operou torturas com requinte de crueldade àqueles que foram contra o regime. Do ponto de vista cultural, operou-se censura às mais variadas formas de expressão, foram muitas as peças teatrais, músicas e filmes proibidas por conterem uma ação contestatória à ordem vigente.

Um regime ditatorial, em verdade, não é apenas uma forma de organização de um governo orientado para a supressão de direitos e liberdades como um fim em si mesmo, mas se abate sobre os corpos social, político e individual como um verdadeiro laboratório de subjetividades para forjar uma sociedade à sua própria imagem (QUINALHA, 2018, p. 26).

Destarte, a presença de uma sexualidade desviante provocava repulsa, pois se distanciava da estrutura da família tradicional, instituição basilar da sociedade e do regime militar. Havia, naquele momento, um policiamento das práticas sexuais, de tal maneira que dispositivos foram criados para reprimir aqueles que ousassem desafiar as normas de comportamento tradicional de gênero e sexualidade.

Nesse bojo, emprega-se um sentido político às sexualidades dissidentes, que passam a ser combatidas como uma degenerescência moral advinda dos ideais comunistas, que desagradaram tanto a *direita*, que defendia a conservação do modelo de família tradicional e repudiava qualquer ímpeto de progressismo, quanto a *esquerda*, que via nas homossexualidades uma decadência burguesa, sendo, portanto, dispensáveis a luta política. A esse respeito, Quinalha (2018, p. 32) aponta que “[...] a pornografia, o erotismo e as homossexualidades representavam uma ameaça à segurança nacional e à ordem política, reduzindo-as a uma estratégia perversa e despudorada do movimento comunista internacional”.

A repressão política que buscava impor um controle moral aos corpos dissidentes não foi suficiente para abafar uma manifestação efusiva, purpurinada e crítica que nascia no interior do teatro. A arte, sempre viva, resistiu às diferentes investidas da censura que, plasmada na ideia de promover a segurança nacional, tinha no teatro um dos alvos favoritos para o controle.

Para contestar o modelo ditatorial, a contracultura, movimento que surge na década de 1950 e atinge seu ápice nos anos 60/70, se intensifica como um elemento de rejeição e questionamento dos valores e práticas da cultura dominante. De acordo com Silva (2012), no início da década de 1970, momento em que a contracultura ganha força no Brasil, vai surgir a *Vanguarda do Desbunde*, que busca repensar as estruturas sociais a partir da ruptura dos padrões ocidentais. O autor vai dizer: “por meio da quebra de tabus como a sexualidade, virgindade, os representantes do desbunde tratavam em sua arte das mais variadas formas, e uma delas é ambigüidade sexual e androginia” (SILVA, 2012, p. 5).

O desbunde representou, sobretudo, a transgressão da cultura nacional: uma aposta na renovação do cenário artístico que operou transformações significativas no período da ditadura, pois trazia em seu bojo o teor da liberdade, duramente reprimida na época. Por meio da arte promoveu-se uma nova forma de luta apoiada no deboche. A ironia e o sarcasmo gritavam no espetáculo *Dzi Croquettes*, produzido por um grupo composto por treze integrantes que, apoiados no escracho, promoveram uma crítica aos padrões convencionais de sexualidade e gênero e realizaram uma verdadeira mudança no comportamento da época, cuja arte influenciou o desenvolvimento do movimento gay brasileiro, que surge ao final da década de 1970, e inspirou outros artistas, como Ney Matogrosso e o grupo As Frenéticas.

### **TEATRO: PALCO DE CONTESTAÇÕES**

Para Assunção (2018, p. 62), “as pessoas fora da norma heterossexual criam seus próprios instrumentos para se contraporem à ordem sexual hegemônica e construir a sua própria narrativa”. Dessa maneira, vê-se no surgimento do grupo *Dzi Croquettes*, em pleno regime ditatorial brasileiro, no ano de 1972, uma forma de contrapor à ordem em um momento de repressão. O grupo composto por treze dançarinos e atores desafiava a censura do período com performances artísticas que brincavam com os papéis de gênero. Munidos de um humor afiado e pequenas tangas, provocavam em seus espetáculos, curiosidades e críticas às instituições convencionais.

Adeptos à androginia, se apresentavam vestidos com roupas tipicamente atribuídas às mulheres em uma época em que não havia liberdade de expressão. A androginia pode ser entendida “[...] como um artifício utilizado em apresentações performáticas para compor personagens estranhamente inusitados e absurdamente irreverentes em relação às normas socialmente aceitas” (RODRIGUES, 2017, p. 237). Assim, formava-se no palco um espetáculo de contestação da estrutura sociocultural e de afirmação das sexualidades dissidentes num período em que ser homossexual era considerado um atentado contra a ordem política.

O *Dzi Croquettes*, com movimentos de dança extremamente bem executados, com uma teatralidade irônica muito inusitada, com suas roupas femininas, com seus corpos exuberantes e cabeludos, causaram uma revolução de comportamento, uma liberação de valores com relação aos padrões de masculinidade e de feminilidade tidos como ‘normais’ e ‘aceitáveis’ pela sociedade vigente da época (RODRIGUES, 2017, p. 238).

Provocaram, dessa forma, não só uma ruptura aos modelos tradicionais, mas uma desconstrução do que se conhecia até então. Quando nos espetáculos eram questionados sobre suas identidades, diziam: “nem homem, nem mulher: gente”. Essa manifestação ocasionava uma reflexão sobre os modelos de comportamento. Atenta-se ao fato da androginia presente na peça: as representações do masculino e feminino se misturavam numa dança corporal, magnética e lúdica.

A poética de tais artistas se dá no espaço entre o aceitável socialmente e o inusitadamente ‘grotesco’, no espaço de gêneros indefinidos e através de mecanismos artísticos de protesto contra uma visão machista e autoritária durante o governo militar (RODRIGUES, 2017, p. 235).

É interessante notar o quanto o grupo subverteu as noções de gênero. Ao se apropriarem de elementos tidos como femininos e manterem as características do mundo masculino produzem uma transformação corporal, constituem, eles próprios, uma crítica viva ao regime militar, que, a todo custo, queria se livrar dos perturbadores da moral e dos bons costumes. O espetáculo produzido pelo grupo, amparado no escracho, queria mostrar que era tão ridículo quanto a própria noção de gênero imposta socialmente. Subvertiam a ideia de que as peças sociais, aquelas que nos vestem desde a infância, configuram o lugar de pertencimento num polo masculino ou feminino e negavam as expectativas sociais criadas para uma performance baseada numa binaridade de gênero que não esgota as possibilidades do que seus corpos poderiam vir a ser.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do grupo *Dzi Croquettes* ainda que perpassada pela censura, preconceito e mortes - de assassinatos a vítimas da Aids – foi, sobretudo, um ato político, que subverteu as concepções de gênero, brincou com o modelo de sexo instituído e exorcizou a feminilidade de seus corpos sem deixar de ser viris, afinal a sociedade emprega que qualquer trejeito feminino nos homens possa ser considerado um desvio, como se isso fosse demérito, o que evidencia a predominância do machismo e misoginia na sociedade. Os atores que produziram *Dzi Croquettes* não apenas encenaram uma peça, mas utilizaram o palco como espaço de autoafirmação, como instrumento de contestação às expectativas socialmente criadas que formulam a noção de gênero e designam papéis sociais a serem performados. Compreender a importância do grupo, seja pelo viés político, social ou cultural, é reconhecer seu papel de resistência ante ao regime imposto.



É olhar para a memória do movimento, resgatar as histórias perdidas e perceber que, sem elas, não podemos avançar na trajetória de afirmação de direitos e cidadania nem lutar contra o retrocesso das nossas conquistas e vitórias constantemente ameaçadas pelo governo atual, que propaga o ódio e desprezo em rede nacional à população LGBTQIAP+.

Dessa forma, cabe, como aponta Nogueira (2020, p. 82): “investigar a história dos indivíduos e grupos que desafiaram a hegemonia heterossexista, construíram novas formas de vida e novas concepções e práticas políticas em torno da sexualidade e do gênero”, para, dessa forma, criar um pensamento crítico e coeso com o tempo presente, mas não só, trata-se ainda de celebrar esses corpos que participaram da história e foram marcados pelo estigma, violência e opressão, que aqui foram lembrados pela exuberância de seus espetáculos, pela resistência política feita em cima do palco, ora com tons sagazes de críticas voltadas à ditadura militar, ora com uma sensualidade que confundia a plateia: se misturava o desejo e a liberdade a uma ambiguidade andrógina, virava desbunde!

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Iuri. Heterossexismo, Patriarcado e Diversidade Sexual. *In: Hasteemos a Bandeira Colorida: Diversidade Sexual e de gênero no Brasil.* NOGUEIRA, Leonardo; HILÁRIO, Erivan; PAZ, Thaís Terezinha; MARRO, Kátia (Orgs.). 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

DZI CROQUETTES. Direção: Tatiana Issa e Raphael Alvarez. Produção: TRIA PRODUCTIONS e Produções Artísticas e Canal Brasil. Roteiro: Tatiana Issa e Raphael Alvarez. Rio de Janeiro: TRIA PRODUCTIONS e Produções Artísticas. Distribuição: Imovision, 2009. 110 min., son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OGrIMj-4UWc>. Acesso em: 29 jul. 2022.

ESPINOSA, Lara. O conceito de cultura em Bauman. *Rev Fronteiras.* Unisinos, 2005. VII(3): 240-242.

GOFFMAN, Erving. Prefácio. *In: GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.

NOGUEIRA, Leonardo (org.). **O Brasil fora do armário: diversidade sexual, gênero e lutas sociais.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. *In: História do Movimento LGBT no Brasil.* GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa; (org.) 1. ed. São Paulo, Alameda, 2018. p. 15-39.



RODRIGUES, Wallace. A cultura andrógina no Brasil do final do século XX: Dzi Croquettes, Ney Matogrosso e Laura de Vison. **Revista Gênero**, v. 17, p. 223-247, 2017.

SILVA, Robson Pereira da. **A Contracultura no Brasil: Secos & Molhados e a Indústria Cultural na Década de 1970**. Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina-PI, 2012. ISBN: 978-85-98711-10-2. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Robson%20Pereira%20da%20Silva%20&%20Luciano%20Carneiro%20Alves.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.